

# FIGURAS NEGRAS NA LITERATURA BRASILEIRA: A CONSTRUÇÃO DE UM CLUBE DE LEITURA NO IFES “PÓS-PANDEMIA”

## NOTABLE BLACK FIGURES IN BRAZILIAN LITERATURE: THE CONSTRUCTION OF A READING CLUB AT IFES “POST PANDEMIC”

Arnon Tragino\*

Secretaria de Estado da Educação do Espírito Santo - SEDU

24

**RESUMO:** Trata-se de um relato de prática docente feito a partir da constituição de um clube de leitura no Ifes *campus* São Mateus (ES) no semestre 2022/1. Vinculada ao Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Neabi), a proposta promoveu a leitura de quatro obras e autores, sendo: *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo; “Pai contra mãe”, de Machado de Assis; “Negrinha”, de Monteiro Lobato; e *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus. Tendo em vista, portanto, as questões étnico-raciais “após” a pandemia de Covid-19, e com base em Duarte (2008) acerca da literatura afro-brasileira, em especial a narrativa, o trabalho buscou expor o percurso do clube, as discussões em sala e a análise das obras numa instituição localizada em uma cidade com vasto histórico de escravidão, assim como mostrou a importância dessa temática em momentos atuais adversos aos grupos envolvidos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura afro-brasileira. Clube de leitura. Pós-pandemia.

**ABSTRACT:** It is a teaching practice report based on the constitution of a reading club at Ifes *campus* São Mateus (ES) in semester 2022/1. Linked to the Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Neabi), the proposal promoted the reading of four works and authors, namely: *Olhos d'água*, by Conceição Evaristo; “Pai contra mãe”, by Machado de Assis; “Negrinha”, by Monteiro Lobato; and *Quarto de despejo*, by Carolina Maria de Jesus. Given, therefore, the ethnic-racial issues “after” the Covid-19 pandemic, and based on Duarte (2008) about Afro-Brazilian literature, especially the narrative, the paper exposed the course of the club, the classroom discussions and the analysis of works in an institution located in a city with a long history of slavery, as well as showed the importance of this theme in current adverse moments for the groups involved.

**KEYWORDS:** Afro-Brazilian Literature. Reading Club. Post Pandemic.

---

\* Doutor em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo e professor em Designação Temporária de Língua Portuguesa e de Redação na EEEM Clóvis Borges Miguel (Serra - ES).

*Passei o resto da tarde escrevendo. As quatro e meia o senhor Heitor ligou a luz. Dei banho nas crianças e preparei para sair. Fui catar papel, mas estava indisposta. Vim embora porque o frio era demais. Quando cheguei em casa era 22,30. Liguei o rádio. Tomei banho. Esquentei comida. Li um pouco. Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem.*

*(Quarto de despejo - Carolina Maria de Jesus)*

## Considerações iniciais: a proposta do clube

ATUANDO COMO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA e Literatura Brasileira no Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) *campus* São Mateus em 2022/1, propus a criação de um clube de leitura a partir da minha participação no Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Neabi), presente neste e em vários *campi* como instância propositiva e consultiva a respeito das relações étnico-raciais. O projeto foi desenvolvido por meio de uma Ação Complementar ao Ensino (ACE) no Instituto, intitulada “Figuras negras na literatura brasileira: contatos étnico-raciais entre personagens e leitores”, já no contexto de retorno das aulas presenciais, o que justificou a não adoção do formato *online*. A fim de corresponder aos objetivos do Núcleo, direcionei a escolha das obras para a literatura afro-brasileira, sendo elas: *Olhos d’água*, de Conceição Evaristo; “Pai contra mãe”, de Machado de Assis; “Negrinha”, de Monteiro Lobato; e *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus. Junto a isso, a proposta reforçou a garantia da lei 10.639/2003, uma vez que tais leituras foram inseridas também nos planos de ensino das turmas de 2º, 3º e 4º anos na disciplina de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. Assim, a respectiva ordem expôs um formato da leitura: no início e no final dos encontros foram abordadas narrativas de autoras negras contemporâneas e, no meio deles, foram lidas as narrativas de autores do final do século XIX e início do XX. Essa organização se apoia, de certa maneira, na valorização da escrita feminina negra contemporânea, em contraste com a escrita masculina que teve sua permanência confirmada pela tradição da história da literatura (DUARTE, 2008, p. 14), mesmo que em ambos

os casos a temática negra tenha sido trabalhada de modo geral para combater preconceitos e racismos contra essa população.

Ainda na referida disciplina, essas obras estão no conteúdo de literatura quando se estudam as estéticas da segunda metade do século XIX ao início do XXI - em parâmetros da história da literatura e suas controvérsias, elas estão no contexto do Realismo, do Pré-modernismo e da Literatura Contemporânea. Porém, de modo mais amplo, as obras e os autores afro-brasileiros já são foco de estudos científico-acadêmicos desde a década de 1980 (DUARTE, 2008, p. 11), com o rastreio da produção literária para abordar essa temática ocorrendo desde o período colonial: a princípio como menção lateral nos poemas barrocos e árcades, mas com maior vigor e ascensão nas narrativas românticas e realistas, e depois também na produção das escolas literárias seguintes (DUARTE, 2008, p. 13). Após esse recorte, foi selecionado também o gênero narrativo para compor as leituras do clube: a escolha ocorreu por sugestão do Neabi, já que, para uma primeira realização dessa proposta, seria importante recomendar um gênero cuja circulação social era e é bastante comum, no caso, contos e um diário, possuindo principalmente personagens com questões étnico-raciais que poderiam ser reconhecidas pelos leitores.

26

Organizados, então, os planos de ensino da disciplina e tendo sido aprovada a ACE pela Pró-Reitoria de Ensino (Proen) do Ifes, a divulgação geral do clube foi feita nas turmas e reforçada semanalmente no *campus*, assim como os dias e horários dos encontros e as respectivas leituras das obras. Alunos, servidores e pessoas da comunidade acadêmica puderam se inscrever por meio de um link de acesso disponibilizado durante o primeiro encontro. Neste momento, foram explicados os objetivos do clube que, de modo geral, eram ler e interpretar textos literários narrativos da literatura brasileira (séculos XIX, XX e XXI), cujos enredos tratassem primordialmente de personagens negros, evidenciando suas condições na sociedade, e em diálogo com reflexões sócio-históricas e étnico-raciais contemporâneas; e que, de modo específico, haveria: a) leitura e discussão das quatro obras selecionadas; b) debate sobre a presença de

personagens negros na literatura brasileira, especialmente nas narrativas mencionadas, mostrando suas caracterizações, participação no enredo e elementos que conectam com questões da atualidade nas relações étnicas e raciais; c) análise das obras em seus aspectos narrativos, ficcionais, sociais e históricos com foco nos personagens negros; e d) a relação das impressões de leitura às questões sócio-históricas e étnico-raciais atuais.

### **O público-alvo e o Neabi**

De acordo com os inscritos e com a frequência observada, o público-alvo do projeto foi os membros do Neabi e, por extensão, os alunos dos cursos integrados de mecânica e eletrotécnica do Ifes, visto que era necessária uma conexão clara entre as intenções do Núcleo e o conteúdo ensinado na disciplina de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. No entanto, houve um comparecimento mínimo de pessoas nos encontros: era esperado um grupo de 15 a 20 pessoas, mas, na maioria das reuniões, o número ficava em torno de 10. Isso pode ter sido um reflexo da baixa divulgação do clube e/ou do baixo interesse institucional, fato que sugere talvez uma sistemática limitação de atividades ligadas às áreas que não sejam das ciências exatas, e que cerceia, portanto, um apreço maior da comunidade acadêmica diante de propostas das ciências humanas ou da área de linguagens. Apesar disso, as participações foram consistentes e bem reconhecidas, gerando encontros com grandes discussões e, principalmente, conexões com a realidade local.

O acolhimento e o apoio do Neabi foi fundamental para a constituição do clube, pois, sem o Núcleo, provavelmente haveria uma maior resistência na divulgação e na percepção da importância de ações como essa no Instituto: a aproximação das questões étnico-raciais com a literatura afro-brasileira, um componente muito particular da disciplina de Língua Portuguesa que só conquistou espaço por meio de uma lei federal e que, ainda hoje, após 20 anos, é omitida em muitas instituições de ensino (SOUZA, 2023). Nesse sentido, o clube manteve o caráter formativo do Neabi porque promoveu discussões sobre a temática e

produziu conhecimento (com a leitura das obras) a respeito das populações negras especificamente.

Uma diferença evidente entre o clube e a abordagem das obras na disciplina, com influência no número de inscritos, foi a seleção do livro *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo, inserido na ACE por manter diálogo com os demais autores, e também como forma de mostrar no contemporâneo as questões étnico-raciais, em especial a vivência da mulher negra em vários momentos da vida. Houve certo impacto nas inscrições devido a um maior comparecimento de interessados quando o encontro ocorreu, o que expôs um processo de afinidade e de atualidade de leitores e obras do mesmo período, ou seja, da publicação de *Olhos d'água* (2014) até a realização do clube (2022), a circulação do livro e o período decorrido não geraram um distanciamento dos leitores, pelo contrário, os quase 10 anos de diferença fizeram aumentar talvez a necessidade de ampliação das temáticas mostradas pela autora para uma nova geração. Nesse contexto, a obra determinou o público.

28

Durante os encontros do clube, o público variou, demonstrando maior comparecimento em datas específicas associadas a determinadas obras. As reuniões do início do projeto e aquelas em que parte da produção contemporânea era lida foram os momentos de maior presença. De modo geral, as leituras de *Olhos d'água*, “Pai contra mãe” e “Negrinha” foram os pontos altos do projeto com a participação de mais de 10 inscritos por encontro. A leitura de *Quarto de despejo* foi prejudicada por conta do final do semestre, quando muitos professores, alunos e técnicos administrativos, que compareceram antes, ficaram ocupados com o encerramento das atividades no Instituto.

Na disciplina de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira não houve o acréscimo dessa obra, uma vez que as demais já contemplavam os conteúdos literários de cada ano. Porém, nas aulas das turmas em que os textos foram lidos e discutidos, houve bastante participação e engajamento de alguns alunos na

defesa de uma interpretação principalmente antirracista das narrativas. Nos 2º anos, o conto machadiano (“Pai contra mãe”) surtiu o efeito de se procurar comparar as ações do personagem Candinho (o capturador de escravos) com a situação de Arminda (a escrava grávida capturada no final da história). Os alunos notaram que as diversas descrições a respeito do protagonista geraram inicialmente um compadecimento, já que este lidava mal com outros trabalhos, mas conseguiu se estabelecer neste como uma garantia social, mesmo, com o passar do tempo, tendo apreço pela atividade. Ficou claro nas discussões que a escrava não era vista como pessoa na época do conto, uma vez que foi tratada como um objeto perdido e depois resgatado, sendo jogada na sala do seu dono e abortando naquele instante. As marcas de diferença entre ambos foram enfatizadas pelos alunos no final da leitura, em que Cândido Neves não se importava com Arminda, o que reforçou o racismo naturalizado da época e as condições da escravidão.

29

A leitura do conto “Negrinha”, de Monteiro Lobato, nos 3º anos gerou uma polêmica maior pois os alunos sabiam que o autor fez falas racistas e eugenistas no início do século XX. A princípio, o conto sugeriu uma discussão questionadora contra o racismo e a maldade praticados por D. Inácia, que “cuidava” de Negrinha após o falecimento de sua mãe. No entanto, o olhar dos estudantes levou à reflexão se ainda hoje situações como as da narrativa aconteciam. Muitos notaram que isso ocorre de modo velado, durante a discriminação de pessoas brancas e privilegiadas contra pessoas negras que sofrem com o descaso social. A relação entre patrão e empregado hoje, por exemplo, reflete de modo pontual os momentos em que há racismo e trabalhos análogos à escravidão. No final do conto, por outro lado, os alunos mantiveram foco na “piedade” da antagonista, que foi passageira apenas por que viu Negrinha brincando de boneca com suas sobrinhas. A expectativa de redenção de D. Inácia não se concretizou, visto que a protagonista morre no final da história após um longo período de desprezo doméstico.

Por fim, com os 4º anos, a leitura de *Quarto de despejo* recebeu uma grande discussão e relação com a atualidade, pois a realidade de Carolina ainda se mantém visível para todos, inclusive nas localidades dos próprios estudantes. Ao descrever seu cotidiano e pensar numa futura publicação de seus escritos, a autora condensou literatura e crítica social de forma a tornar inseparável a própria vida do relato equivalente. Os alunos notaram esses elementos especialmente quando havia no texto as ações de outros personagens da favela do Canindé: casais brigando noite a dentro, mulheres e crianças passando fome, a pouca água para todos, os papéis catados e o dinheiro insuficiente para comprar comida, etc., situações que afetavam inclusive a própria escrita, já que era impossível relatar demasiadamente as dificuldades sem estar de estômago cheio. Este foi o ponto alto da leitura em sala: a percepção de que é impossível produzir arte com precárias condições materiais, ou manter tal produção em algum nível satisfatório. Qualquer elemento artístico a ser alcançado se daria pela insatisfação com o meio, a própria vida difícil e a miséria social, alvos constantes das críticas de Carolina, por exemplo. As turmas focaram nesse ponto, observando que ela não abria mão de registrar o que vivia para, justamente no futuro, isso se tornar um documento literário.

30

### **O desenvolvimento do clube**

Os encontros quinzenais acompanharam as atividades do Neabi. Foram, portanto, seis encontros nos contraturnos das aulas. Cada encontro contou com a leitura das obras de forma integral para se promover uma experiência imersiva e crítica dos leitores. Em obras mais longas, como *Quarto de despejo*, a leitura foi feita em 2 encontros. Assim, a princípio, os mediadores seriam selecionados previamente no final de cada reunião para a próxima e deveriam ler ou indicar alguém para leitura no dia, além de contextualizar o trecho lido, elencando para isso suas próprias impressões de leitura feitas, e analisando junto ao coordenador responsável (o professor Arnon Tragino) os sentidos do texto. Em cada encontro, após a primeira fala do mediador e a leitura inicial, o debate seria aberto ao grupo e os apontamentos sobre as relações étnico-

raciais seriam feitos em meio à discussão.

No entanto, apesar do planejamento, as 6 reuniões do clube foram se alterando de acordo com alguns fatores: maiores participações dos inscritos em determinadas leituras requereram momentos de fala para todos, sabendo que as discussões eram bem polêmicas e necessárias, e também por conta dos questionamentos étnico-raciais; a mediação, nesse caso, foi flutuante e decidida nos próprios encontros porque todos propuseram pontos de vista relevantes para o tema; o que se manteve foi a leitura de trechos das narrativas como mote inicial para os apontamentos do grupo.

Fora a primeira reunião, as demais abarcaram uma obra específica, sendo que *Quarto de despejo* precisou de dois encontros para ser discutido (os dois finais, no caso). Desse modo, duas frentes marcaram as interpretações dos textos: a primeira envolveu novamente a confirmação de como os personagens negros não tiveram grandes mudanças em relação às suas condições sociais de pobreza e descaso, visto que a sociedade brasileira não se modificou quanto a alterar a vida dessas pessoas; a segunda foi a respeito também do comportamento das pessoas brancas em relação às negras, expondo como os privilégios sociais não mudaram: esses personagens sempre são favorecidos e/ou articulam meios para controlar as pessoas negras.

Sobre a avaliação (a fim de assegurar uma participação mínima para o envio do certificado), ela foi pensada para ser feita de forma contínua durante os encontros, sendo observadas as discussões coletivas dos participantes, bem como o grau de aprofundamento nas leituras realizadas. Cada participante deveria iniciar sua fala com uma impressão de leitura e, em seguida, fazer uma reflexão a respeito da obra de maneira que se identificasse ali um elemento da narrativa: o enredo, os personagens, o narrador, o tempo, o espaço e o conflito; aproximando esse exercício com as questões étnico-raciais. Mas, por causa das mudanças referidas, houve algumas adaptações para se avaliar a leitura e os questionamentos processuais, ou seja, no decorrer dos encontros, o caráter



estético e estrutural do texto narrativo foi preterido para dar lugar aos problemas sociais vistos na leitura; isso direcionou o grau de avaliação para a possibilidade de se aproximar ou não a literatura da vida material, comparando ações dos personagens com as de pessoas desfavorecidas na sociedade.

### **Leitura e análise das obras**

É válido analisar brevemente as obras selecionadas no clube e relacionar tal processo com o que foi discutido nos encontros. Alguns trechos foram destacados pelos participantes como passagens de grande peso para a observação das questões étnico-raciais, principalmente quando os personagens sofriam racismo. Dessa forma, *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo; “Pai contra mãe”, de Machado de Assis; “Negrinha”, de Monteiro Lobato; e *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus; são obras vistas não só como refratárias de produtos sociais, mas também como objetos estéticos específicos para se pensar a intervenção da arte no contexto brasileiro.

32

### ***Olhos d'água*, de Conceição Evaristo**

Na leitura de *Olhos d'água*, houve a percepção de como a mulher negra no Brasil contemporâneo é submetida a uma vida miserável, principalmente no conto “Maria” que, por um lado, confirma a história de desumanização e violência sofrida e, por outro, mostra, estruturalmente, que a sociedade brasileira não cede à mudança desse cenário.

Os assaltantes desceram rápido. Maria olhou saudosa e desesperada para o primeiro. Foi quando uma voz acordou a coragem dos demais. Alguém gritou que aquela puta safada lá da frente conhecia os assaltantes. Maria se assustou. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai de seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto. Ouviu uma voz: Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois. Outra voz vinda lá do fundo do ônibus acrescentou: Calma, gente! Se ela estivesse junto com eles, teria descido também. Alguém argumentou que ela não tinha descido só para disfarçar (...) (EVARISTO, 2016, p. 41-42).

O que vemos é uma associação, naturalizada pelo racismo, de pessoas negras, geralmente sem privilégios sociais, levadas a assumir responsabilidades que não possuem em momentos de violência. A protagonista do conto não estava junto aos criminosos, mas foi antecipadamente condenada pelo grupo social do ônibus por ser negra como os demais. Seu comportamento é julgado como premeditado para facilitar o assalto, mesmo que sua postura e seu sentimento estivessem apenas focados no pai de seu filho. A narrativa relewa que a sociedade já espera esse comportamento de pessoas negras e, por isso, as colocam como promotoras de crimes.

### “Pai contra mãe”, de Machado de Assis

Na leitura de “Pai contra mãe”, o foco na indiferença histórica sobre a condição dos negros escravizados é a parte central por serem vistos como meros objetos de pessoas brancas. Porém, na família de Cândido, o clube destacou também a fala da tia Mônica ao reconhecer a dificuldade do casal (Cândido e Clara) de terem um filho nas condições de pouco dinheiro da família.

33

Cândido Neves, logo que soube daquela advertência, foi ter com a tia, não áspero, mas muito menos manso que de costume, e lhe perguntou se já algum dia deixara de comer.

– A senhora ainda não jejuou senão pela Semana Santa, e isso mesmo quando não quer jantar comigo. Nunca deixamos de ter o nosso bacalhau...

– Bem sei, mas somos três.

– Seremos quatro.

– Não é a mesma coisa.

– Que quer então que eu faça além do que faço?

– Alguma coisa mais certa. Veja o marceneiro da esquina, o homem do armarinho, o tipógrafo que casou sábado, todos têm um emprego certo... Não fique zangado; não digo que você seja vadio, mas a ocupação que escolheu é vaga. Você passa semanas sem vintém.

– Sim, mas lá vem uma noite que compensa tudo, até de sobra. Deus não me abandona, e preto fugido sabe que comigo não brinca; quase nenhum resiste, muitos entregam-se logo.

Tinha glória nisto, falava da esperança como de capital seguro. Daí a pouco ria, e fazia rir à tia, que era naturalmente alegre, e previa uma patuscada no batizado (ASSIS, 2007, p. 469-470).

A passagem mostra o conflito de opiniões, mas possuindo o mesmo alvo: a sobrevivência da família. Existe uma vontade da tia de querer um trabalho

burguês para Cândido mudar seu status social, pois o ato de capturar escravos já não era bem visto naquela época (finais do século XIX). Isso passava por uma readaptação do personagem, que não se mantinha em nenhum emprego formal. Porém, o foco na “esperança como capital seguro” faz o personagem manter sua postura diante da chegada do filho, o que reforça sua visão conveniente de que o trabalho realizado asseguraria a sua sobrevivência, independentemente das consequências que chegariam depois para os escravizados. Além do modelo de família e do pequeno processo de mudança para outras formas de trabalho, o trecho mostra a total acomodação social à escravidão, modo de produção que, tornando o dono superior a outro, aliena Cândido, no caso, das suas responsabilidades.

### “Negrinha”, de Monteiro Lobato

Na leitura de “Negrinha”, a desumanização da personagem foi o ponto alto para a reflexão sobre a criança negra, especificamente a respeito do racismo que sofre e a indefesa que possui diante da maldade dos adultos.

Que ideia faria de si essa criança que nunca ouvira uma palavra de carinho? Pestinha, diabo, coruja, barata descascada, bruxa, pata-choca, pinto gorado, mosca-morta, sujeira, bisca, trapo, cachorrinha, coisa-ruim, lixo – não tinha conta o número de apelidos com que a mimoseavam (...). O corpo de Negrinha era tatuado de sinais, cicatrizes, vergões. Batiam nele os da casa todos os dias, houvesse ou não houvesse motivo. Sua pobre carne exercia para os cascudos, cocres e beliscões a mesma atração que o ímã exerce para o aço (...) (LOBATO, 2014, p. 340-341).

Dentre os personagens vítimas de racismos nas demais histórias, a criança negra deste conto parece ser a que mais sofre justamente por causa da posição subjugada que possui. As violências psicológica e física caminham juntas para massacrar sentimentos, identidades e liberdades de Negrinha, levando a menina a uma objetificação que se transforma em uma inutilidade, isto é, a personagem, por ser impedida de se reconhecer como ser humano, é descaracterizada também como algo que poderia ter alguma serventia. Chama atenção nesse processo que há, porém, um serviço útil para a personagem, que

é se manter como uma não-pessoa para a dona da casa descontar sua raiva, principalmente.

### ***Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus**

Na leitura de *Quarto de despejo*, a interpretação levou em conta as reflexões da autora e o modo como descreve o mundo, e também a política e sua própria condição social. A vontade de registrar tudo isso revela seu apreço pela escrita e a futura publicação do livro como meio de sair da miséria, além da sua conexão com a literatura.

(...) Enquanto as roupas corava eu sentei na calçada para escrever. Passou um senhor e perguntou-me:

- O que escreve?

- Todas as lambanças que pratica os favelados, estes projetos de gente humana.

Ele disse:

- Escreve e depois dá a um critico para fazer a revisão.

Olhou as crianças ao meu redor e perguntou:

- Estes filhos são seus?

Olhei as crianças. Meu, era apenas dois. Mas como todas eram da mesma cor, afirmei que sim.

- Seu marido onde trabalha?

- Não tenho marido, e nem quero!

Uma senhora que estava me olhando escrever despediu-se.

Pensei: talvez ela não tenha apreciado a minha resposta.

- É muito filho para sustentar.

Ele abriu a carteira. Pensei: agora ele vai dar dinheiro a qualquer uma destas crianças pensando que todas são meus filhos. Fui imprudente mentindo.

Mas a minha filha Vera Eunice ergueu o braço e disse:

- Dá, eu té. Compá papato.

Eu disse:

- Ela está dizendo que quer o dinheiro para comprar sapatos.

Ele disse:

- Dá para sua mãe.

Ergui os olhos para observá-lo. Duas meninas lhe chamava papai! Eu conheço-o de vista. Já falei com ele na farmacia quando levei a Vera para tomar injeção contra resfriado. Ele seguiu.

Eu olhei o dinheiro que ele deu a Vera. Cem cruzeiros!

Em poucos minutos o boato circulou que a Vera ganhou cem cruzeiros. E pensei na eficiência da língua humana para transmitir uma notícia (...) (JESUS, 2020, p. 29).

Em meio ao processo de registro, de criação artística e de uso da linguagem, a autora descreve a caridade como um ato de falsa benevolência burguesa, uma

piedade que alivia somente a consciência de quem doa. Mas, para além disso, Carolina expõe o racismo que sofre e como lida com a situação: ela usa a generalização e o pré-julgamento para acionar a “virtude” do outro personagem, o que não apaga a sua condição social, mas também concede uma pequena liberdade, apesar de o dinheiro que recebe estar vinculado ao discurso oportunista daqueles que não conseguiram o que ela conseguiu. A cena gerada parece se inserir em um contexto profundo de ações “erradas” que favorecem quem passa fome, uma vez que ao falar que todas aquelas crianças eram suas porque eram da mesma cor, Carolina confirma as “lembranças que pratica os favelados”. Por outro lado, mesmo como autodefesa, a frase reflete também o boato construído naquele ambiente, já que a “eficiência da língua humana para transmitir uma notícia” é parte dos “projetos que gente” que lá habitam.

### **Considerações finais: a importância do clube para o contexto institucional e local**

36

A realização de clubes com esse perfil deveria possuir caráter permanente, pois, como principais resultados do projeto, teve-se o desenvolvimento da leitura pelos discentes, o conhecimento acerca das produções de autores negros e da literatura afro-brasileira, e o aprofundamento da interpretação literária do gênero narrativo. O projeto se justificou, por isso, a partir de uma postura antirracista e de resistência a um contexto desfavorável à população negra em termos representativos, principalmente na literatura, que só em anos recentes tiveram uma mudança fundamental com a presença de autores e obras afro-brasileiras no mercado editorial, nas escolas, na internet e em clubes de leitura diversos (OLIVEIRA e JÚNIOR, 2022, p. 43). Assim, na mudança paulatina desse cenário, o clube deu mais um passo em relação às questões étnico-raciais, na busca por mais presença e afirmação social da produção literária afro-brasileira.

Institucionalmente, o clube foi favorecido pelo Neabi, dado que o acolhimento da proposta criou um espaço para a construção de um ambiente antirracista e

combativo às diferenças entre os grupos sociais envolvidos. Assim, pelo diálogo com membros mais antigos, nunca houve antes no *campus* um clube com essas intenções e que, mesmo tendo pouca participação, foi uma ideia inicial válida para estabelecer a literatura como uma ação que não deixa esses problemas continuarem invisibilizados.

Apesar de a Ação Complementar ao Ensino (ACE) ser de natureza institucional, a criação do clube também se vinculou à história do município de São Mateus, devido ao resgate de imagens da vida de pessoas negras que passaram pelas mesmas situações que os personagens. Por ter sido um porto de escravizados, a cidade manteve toda a conjuntura de opressão aos negros; processo visto até hoje em bairros periféricos como o Litorâneo, onde está localizado o Ifes.

Por fim, na correspondência à legislação vigente para o trabalho específico da literatura afro-brasileira na escola e aos movimentos sociais que cobram justiça para a população negra, o clube buscou a mudança desse cenário autoritário enxergando na leitura literária uma reflexão sobre essas desigualdades humanas.

37

## Referências

ASSIS, Machado de. *50 contos de Machado de Assis*. Seleção, introdução e notas de John Gladson. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. *Presidência da República*, Poder Executivo, Brasília, DF. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm). Acesso em: 9 mai. 2022.

DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. In: *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. n. 31, p. 11-23, jan./jun. 2008. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9430/8332>. Acesso em: 9 mai. 2022.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação da Biblioteca Nacional, 2016.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2020.

LOBATO, Monteiro. *Contos completos*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014.

OLIVEIRA, Rejany Lopes de; JÚNIOR, Heleno Álvares Bezerra. A escritora negra no Brasil: memória do alijamento e inclusão no mercado editorial. In: *Revista Sítio Novo*. v. 6, n. 1, p. 42-56, jan./mar. 2022. Disponível em: <https://sitionovo.ifto.edu.br/index.php/sitionovo/article/view/1070/345>. Acesso em: 9 mai. 2022.

SOUZA, Marcilene Garcia de. Lei 10.639/2003 completa 20 anos lutando por efetividade. In.: *Instituto Federal da Bahia*, Bahia, 9 de jan. de 2023. Disponível em: <https://portal.ifba.edu.br/noticias/2023/artigo-lei-10-639-2003-completa-20-anos-lutando-por-efetividade>. Acesso em: 10 de março de 2023.